



# *Ouvir a Deus* *ou ouvir os ídolos*

**Vanildo Luiz Zugno, OFMCap**

En América Latina y el Caribe, conviven dos realidades que en sí son contradictorias: la fe en el Dios, en Jesucristo y el sufrimiento y la muerte de muchos de sus habitantes. Para el autor, esto se debe al hecho de que, en lugar de escuchar la voz de Dios, muchas veces se escucha la voz de los ídolos. Para rescatar la capacidad de oír la voz de Dios y hacer una crítica a los ídolos, es necesario recuperar la tradición profética bíblica y la tradición profética de la primera evangelización del continente.

Na América Latina e Caribe convivem duas realidade que em si são contraditórias: a fé no Deus de Jesus Cristo e o sofrimento e a morte de muitos dos seus habitantes. Para o autor, isso se deve ao fato de que, em lugar de escutar a voz de Deus, muitas vezes se escuta a voz de ídolos. Para que resgatemos a capacidade de ouvir a voz de Deus e fazer a crítica dos ídolos, faz-se necessário resgatar a tradição profética bíblica e a tradição profética da primeira evangelização do continente.

Palavras-chave: Vida Religiosa; Evangelização; Idolatria; Profetismo.

O Documento de Santo Domingo, ao falar da necessidade da Nova Evangelização, descrevia nossa realidade como a de um “continente religioso e sofrido” (SD, 13). Realidades contraditórias, religião e sofrimento não deveriam coexistir de forma tão massiva, pois a religião, e maiormente o cristianismo, é a busca da superação de tudo aquilo que faz a pessoa humana sofrer.

O próprio Documento de Santo Domingo tenta explicar tal contradição dizendo que vivemos num “continente no qual se dá um divórcio entre fé e vida ao ponto de produzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência” (SD, 24).

O Documento de Aparecida, ao resgatar a tradição profética da Igreja Latinoamericana e Caribenha, vai além da constatação e busca a causa e a identifica como “aidolatriado dinheiro” que, junto com “o avanço de uma ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido social, a corrupção inclusive nas forças de ordem e a falta de políticas públicas de equidade social” provocam o deterioro da convivência social que tem como conseqüências as mais diversas formas de violência e morte (DA 78).

Dentro deste contexto, somos chamados, a “escutar a Deus lá onde a vida clama!” “Escutar a Deus” parece o óbvio para todo cristão e mais óbvio ainda para religiosos e religiosas... Por que então colocar isso como um chamado a todos e todas nós?

A nosso ver, essa pergunta é sempre e cada vez mais necessária porque há, em nosso continente, muitas vezes que falam e querem tomar o lugar da voz de Deus. Às vezes o fazem de forma explícita, com força e poder. Outras, de forma sutil, com suavidade e discrição. Tanto num caso como no outro, se não estivermos atentos, podemos nos deixar levar por elas e, como diz o Documento de Aparecida, podemos ser induzidos à idolatria.

Nesta breve reflexão, queremos retomar duas tradições que nos oferecem inspiração para enfrentar o discurso idolátrico, apresente-se ele com poder ou com sutileza. Num primeiro momento nos reportaremos à tradição bíblica. Num segundo momento, retomaremos a voz profética de religiosos que, na hora da primeira evangelização destas terras, foram capazes de, em nome do Deus



“Continente no qual se dá um divórcio entre fé e vida ao ponto de produzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência” (SD, 24).

da Vida, denunciar a voz dos ídolos que se travestia de evangelização.

## 1. A CRÍTICA BÍBLICA DA IDOLATRIA

De maneira sucinta, podemos dizer que, na tradição bíblica, há dois modos de fazer frente à idolatria. O primeiro, é pela afirmação de que só Javé é Deus; o segundo, pela afirmação de que só Javé é o Deus verdadeiro. O primeiro finca pé no monoteísmo; o segundo, na afirmação de Javé como o Deus da vida. Vejamos brevemente cada um deles.

### 1.1. A IDOLATRIA COMO ADORAÇÃO DAQUILO QUE NÃO É DEUS

Antes do exílio na Babilônia, a questão da idolatria como tal, não se colocava para o povo de Israel. Na mentalidade do Médio Oriente de então, cada povo tinha o seu deus. Ao lado de Javé, o Deus de Israel, há os outros povos que têm seus próprios deuses. Para Israel, tratava-se de ser fiel a Javé, seu Deus. Que os outros povos adorem outros deuses, não há nenhum problema.

É no exílio que Israel se confronta à questão da multiplicidade dos deuses. Longe da sua terra, longe do templo, vivendo em meio a um

povo mais poderoso que o domina, Israel é tentado a esquecer Javé e voltar-se para os deuses estrangeiros. A voz dos profetas se levanta para mostrar que estes deuses não são o verdadeiro Deus. Adorá-los não trará a Israel segurança e felicidade, mas somente a perdição, pois eles passam de imagens feitas por mãos humanas. Trata-se, pois, de desmascará-las e mostrar que não têm poder nenhum, muito menos o de salvar.

O Segundo Isaías, com um certo humor e sarcasmo, assim fala daquele que faz para si imagens e lhes rende culto:

Quando corta para si cedros, toma, também, o cipreste e o carvalho; assim escolhe dentre as árvores do bosque; planta um olmeiro, e a chuva o faz crescer. Então serve ao homem para queimar; e toma deles, e se aqueça, e os acende, e coze o pão; também faz um deus, e se prostra diante dele; também fabrica uma imagem de escultura, e ajoelha-se diante dela. Metade dele queima no fogo, com a outra metade prepara a carne para comer, assa-a e farta-se dela; também se aqueça,

É necessário viver o verdadeiro culto na vida do dia a dia. De forma fina e radical, ele mostra que a idolatria é a ofensa à vida e à dignidade, especialmente dos mais pobres e fracos



e diz: Ora já me aqueci, já vi o fogo. Então do resto faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, e se inclina, e roga-lhe, e diz: Livra-me, porquanto tu és o meu deus (Is 44, 14-17).

A essa primeira crítica, justa e necessária mas não ainda suficiente para mostrar o verdadeiro rosto da idolatria, a tradição profética vem juntar uma segunda crítica...

## 1.2. A IDOLATRIA COMO “DERRAMAR SANGUE”

Homem do templo preocupado em manter a fé em Javé, Ezequiel lembra ao povo de Israel –tanto aos que estão no exílio como os que permaneceram na Palestina– que não basta acreditar só em Javé. É necessário viver o verdadeiro culto na vida do dia a dia. De forma fina e radical, ele mostra que a idolatria e a ofensa à vida e à dignidade, especialmente dos mais pobres e fracos, vão de par em par:

Tu, pois, ó filho do homem, porventura julgarás, julgarás a cidade sanguinária? Faze-lhe conhecer, pois, todas as suas abominações. E diz: Assim diz o Senhor Deus: Ai da cidade que derrama o sangue no meio de si para que venha o seu tempo! Que faz ídolos contra

si mesma, para se contaminar! Pelo teu sangue que derramaste te fizeste culpada, e pelos teus ídolos que fabricaste te contaminaste (...) Eis que os príncipes de Israel, cada um conforme o seu poder, estavam em ti para derramarem sangue. Ao pai e à mãe desprezaram em ti; para com o estrangeiro usaram de opressão no meio de ti; ao órfão e à viúva oprimiram em ti. As minhas coisas santas desprezaste, e os meus sábados profanaste. Homens caluniadores se acharam em ti, para derramarem sangue; e em ti sobre os montes comeram; perversidade cometeram no meio de ti. A vergonha do pai descobriram em ti; a que estava imunda, na sua separação, humilharam no meio de ti. Um cometeu abominação com a mulher do seu próximo, outro contaminou abominavelmente a sua nora, e outro humilhou no meio de ti a sua irmã, filha de seu pai. Presentes receberam no meio de ti para derramarem sangue; usura e juros ilícitos tomaste, e usaste de avareza com o teu próximo, oprimindo-o; mas de mim te esqueceste, diz o Senhor Deus (22:2-4<sup>a</sup>.6-12).



Oferecer a Deus os dons adquiridos com as práticas injustas é, para Las Casas, querer associar Deus à injustiça na qual esses bens foram gerados.

O Novo Testamento radicaliza esta linha de reflexão profética. Nos Evangelhos, Jesus associa constantemente riqueza, injustiça e idolatria. O texto de Mateus é bem conhecido: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ás riquezas” (6,24).


Tão radical é essa posição de Jesus que, separar-se do dinheiro em favor dos pobres, é uma das condições para aquele que quiser pôr-se a caminho com Jesus (ver, por exemplo, Lc 12,33; 16,14-15; 16, 19-31; 18, 18-27).

E essa escolha não pode ser apenas questão de palavras, mas de ação. Ou se serve a Deus ou se serve ao dinheiro. A busca de riquezas exclui Deus de nossas vidas e não deixa que a vida germine: “E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera” (Mt 13, 22).

Os escritos das primeiras comunidades também testemunham a oposição radical entre a riqueza e a vida cristã. A carta de Tiago ataca violentamente aos ricos porque suas riquezas são fruto da exploração e da morte dos pobres:

Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu (Tg 5,1-6).

Paulo não fica para traz. Na carta aos Efésios, o avarento é identificado com o idólatra e excluído do Reino de Deus (cf. Ef 5,5). Na Carta aos Colossenses, entre as coisas que atraem a ira de Deus, ele cita a “avareza, que é uma idolatria” (Col 3,5).



É uma verdadeira análise teológica que os nativos fazem da presença espanhola! Eles desmascaram suas intenções e sua idolatria...

## 2. A SEDE POR OURO COMO PRÁTICA IDOLÁTRICA

A crítica da idolatria das riquezas que provoca a morte dos pobres, tem uma longa tradição na igreja latino-americana e caribenha. A postura de numerosos missionários, principalmente religiosos, à conquista e, especificamente, ao sistema da *encomienda*, se inscreve na linha profética tanto a do Antigo como do Novo Testamento.

A partir das categorias mentais de um mundo religioso de cristandade, eles são capazes de compreender que a morte dos índios não pode andar de par com a adoração do verdadeiro Deus anunciado. Ao ouvir a voz do índio explorado e assassinado, eles são capazes de reconhecer, nessa voz, a voz do verdadeiro Deus que clama por justiça. Em nome desse Deus, subvertem as categorias teológicas dominantes e proclamam a idolatria social e religiosa reinante.

Para bem compreender essa denúncia profética da idolatria que marca os albores da Igreja e da VR na América Latina e Caribe, é necessário lembrar que, na mentalidade ibérica de então, a conquista do Novo Mundo se inscreve na sequência da reconquista da península ibérica das mãos dos

muçulmanos. Reconquista que se reveste de um caráter sagrado. É uma verdadeira cruzada. Conquistar as novas terras e submeter as pessoas que nelas habitam, é conquistar novos territórios para os Reis Católicos e acrescentar almas ao rebanho de Jesus.

A bula *Inter Coetera* de 1493, através da qual o Papa Alexandre VI confia aos soberanos de Espanha e Portugal a missão de evangelizar os habitantes destas terras, vem reforçar o caráter sagrado e a dimensão eclesial da conquista. Reis, conquistadores e colonos se sentem investidos de uma missão divina.

É assim que Sarmiento de Gamboa, conselheiro de Francisco de Toledo, vice-rei do Peru entre 1561 e 1581, pode escrever:

Deus nosso Senhor nos escolheu como instrumento para que se cumprisse o plano divino conforme o qual tantas pessoas, como nós bem o sabemos, foram salvas graças à descoberta destes reinos que estão sob o poder e a proteção de Sua Magestade e eles são e serão salvos cada dia até o fim do mundo<sup>1</sup>.

A mescla de luzes e sombras que, como diz o Documento de Puebla (Nº 13) caracterizou a chegada do Evangelho na América Latina e Caribe, não é apenas uma coisa do passado.

O *Parecer de Yucay* é ainda mais claro:

E como sinal claro para que nós bem o compreendêssemos, isso foi feito no mesmo ano em que chegou à culminância a rendição à Sua Magestade divina dos Reinos de Espanha; e para que isso aparecesse ainda mais claro no caso em que nós fôssemos cegos -já que os outros reis cristãos jamais tiveram isso- foram-lhe dadas as Índias não pelo poder das armas, mas pela mão de Seu próprio vigário na terra<sup>2</sup>.

Na visão dos colonizadores, é a Providência Divina quem os conduziu ao Novo Mundo a fim de que os povos destas terras conhecessem a Deus e fossem salvos.

E, o que é importante para compreender a crítica profética diante da conquista, segundo o *Parecer de Yucay*, a Providência não somente conduz os Espanhóis a essas terras, mas também dispõe os meios para que os *evangelizadores* possam conduzir a bom termo a sua missão: as terras descobertas abundam em ouro, prata e todos os minerais!

Assim diz o *Parecer de Yucay*:

... E assim lhes foram dadas (aos índios) estas montanhas de ouro e de prata, estas terras férteis cheias

de delícias, a fim que, atraídos por esse perfume, se encontrassem pessoas que, para Deus, queiram ir a eles pregar o Evangelho e os batizar para fazer destas almas esposas de Jesus Cristo<sup>3</sup>.

É o ouro que estimula, motiva e move os colonizadores para ir a estas terras e ali anunciar o Evangelho!... E continua:

Digo então destes índios que, um dos meios de sua predestinação e de sua salvação foram as minas e estas riquezas, pois nós vemos claramente que, lá onde são encontradas, o Evangelho se difunde rapidamente e eficazmente, e lá onde elas são escassas ou faltam, o Evangelho aí nunca chega, e a experiência mostra que, nas regiões desprovidas de ouro e de prata, não há soldado nem capitão que aí queira ir, nem mesmo ministros do Evangelho<sup>4</sup>.

O ouro é, na visão dos colonizadores, a mediação pela qual Deus se faz presente nas Índias. Sem o ouro, os habitantes destas terras não teriam jamais conhecido a salvação de Deus. A argumentação dos colonizadores e daqueles que justificavam teologicamente a conquista, é “uma cristologia ao revés: o ouro toma o lugar de Cristo enquanto intermediário do amor do Pai porque, graças ao

ouro, os indígenas podem receber a fé e serem salvos; caso contrário, sem o ouro, eles estariam condenados”<sup>5</sup>.

O frade dominicano Bartolomeu de Las Casas, como muitos outros cristãos da época, no momento em que começa a olhar os acontecimentos com o olhar dos indígenas, intui imediatamente a incompatibilidade entre o Evangelho e a Conquista e passa a denunciar o caráter idolátrico de toda tentativa de justificar a submissão dos indígenas com a utilização do nome de Deus.

Como ele mesmo o relato em *Do único modo de levar os índios à conversão*, o texto que detona a sua tomada de decisão é o capítulo 34 do livro do Eclesiástico quando diz:

É manchada a oferta de quem sacrifica bens iníquos, e não são bem aceitas as oferendas dos injustos. O Altíssimo não aprova os dons dos iníquos e não olha para as oblações deles, nem lhes perdoa os pecados por causa da multidão de seus sacrifícios. Quem oferece um sacrifício com os bens dos pobres é como quem imola um filho na presença do pai. A vida dos pobres é o pão de que necessitam; quem dele os priva é um assassino. Quem subtrai o pão do suor é como quem mata o seu próximo; derrama sangue, quem defrauda

o assalariado. Um edifica, o outro destrói; que proveito alcançam, senão a aflição? Um faz orações, o outro maldiz: de quem Deus vai ouvir a voz? (34, 18-24).

Oferecer a Deus os dons adquiridos com as práticas injustas é, para Las Casas, querer associar Deus à injustiça na qual esses bens foram gerados. É querer deformar a imagem de Deus, fazer dele “um tirano injusto e iníquo”<sup>6</sup>, ou seja, um ídolo.

Observando os sofrimentos e a morte aos quais os colonos submetem a indígenas, Las Casas conclui que, o que realmente os move não é o desejo de servir a Deus, mas sua sede de ouro que se tornou o ídolo ao qual eles sacrificam tantas pessoas. O ouro que os teólogos da conquista dizem não ser mais que um meio para a evangelizam é, de fato, o seu fim, o seu deus.

Falando dos espanhóis vindos à América, Las Casas<sup>7</sup> diz:

Eles fazem libações em honra a seus Baals, ou seja, dos ídolos próprios que eles mesmos se fabricam, que os dominam, os têm em submissão e os possuem, ou sejam, do desejo de dominação, da ambição desenfreada em se enriquecer que nunca se sacia nem se completa, e isso também é uma idolatria. Pois



os Baals, conforme São Jerônimo, significa *meu* ídolo, aquele que me domina e me possui. Tudo isso bem se aplica a todos os ambiciosos, ávidos e avaros, e especialmente a estes pregadores, ou melhor, a esses miseráveis e funestos tiranos.

Dominicanos e Franciscanos da Ilha de Ispaniola, numa carta conjunta endereçada ao Rei de Espanha, relatam como os indígenas vêem a presença dos colonizadores:

Ora, aconteceu de um cacique fazer reunir toda sua gente e ordenar-lhes trazer todo o ouro que eles tivessem. E disse a seus indígenas: Vejam, amigos, eis o deus dos cristãos; dancemos um pouco diante dele e em seguida entrai no mar próximo e joguêmo-lo no mar, de modo que eles saibam que nós não mais temos o seu Deus e, com isso, eles nos deixarão<sup>8</sup>.

É uma verdadeira análise teológica que os nativos fazem da presença espanhola! Eles desmascaram suas intenções e sua idolatria...

A obrigação, imposta pelo contrato de *encomienda*, de ensinar a doutrina aos nativos, não é, nos raros casos em que é cumprida, mais que uma excusa para justificar a exploração dos indígenas. Las Casas diz que os colonos, “para

atenuar o rigor de tão cruel e tão forte tirania que consome tantas pessoas e tantos povos a fim de satisfazer unicamente a cobiça dos homens e de lhes proporcionar o ouro, outorgam-se o direito de ensinar uma fé que eles mesmos não conhecem e com isso conseguem que lhes sejam entregues inocentes, do sangue dos quais eles arrancam riquezas que têm por seu deus”<sup>9</sup>. O pretexto da evangelização torna-se instrumento do ouro, do ídolo que exige o sangue dos indígenas. A perspectiva é invertida. A máscara cai... A pretendida evangelização que utilizava o ouro como mediação da salvação é mostrada em toda sua veracidade: uma idolatria que utiliza o Evangelho para derramar sangue e acumular riqueza.

Pedro de Córdoba, então superior dos dominicanos na Ilha de Hispaniola, numa carta ao Rei da Espanha, vai até as últimas consequências na sua lógica de defesa dos indígenas. Diz ele: “é menos mal que os indígenas estejam sobre suas terras tal qual eles são e que eles não blasfemem o nome de Cristo como é feito entre os infiéis”<sup>10</sup>.

Os colonizadores que se achavam os portadores do Evangelho e da salvação aos indígenas, na verdade lhes trazem a morte e, como consequência, blasfemam o nome de Deus e impedem aos indígenas chegar ao

conhecimento de Deus e os impele à blasfêmia. Nestas circunstâncias, é muito difícil – prá não dizer impossível – para os indígenas fazer a distinção entre a Boa Nova do Evangelho e a má notícia da colonização. A cruz, que devia ser símbolo de vitória da vida sobre a morte adquirida por Jesus Cristo, representa para os indígenas a morte sem nenhuma esperança de ressurreição. Aquilo que devia ser o Deus da vida, foi transmutado em ídolo de morte...

A mescla de *luzes e sombras* que, como diz o Documento de Puebla (Nº 13) caracterizou a chegada do Evangelho na América Latina e Caribe, não é apenas uma coisa do passado. No

meio do claro-escuro de sociedades atravessadas e divididas por diferentes interesses onde vivem, testemunham e anunciam os evangelhos, os religiosos e religiosas de hoje são colocados diante do desafio de desmascarar os ídolos que querem tomar o lugar de Deus. Para isso é necessário pôr à luz do dia as mediações utilizadas para seduzir e dar morte a milhões de homens e mulheres com o discursos de que são o único meio para chegar à felicidade e à salvação. O profetismo bíblico e o profetismo daqueles que, na época da Conquista, não temeram em elevar a voz para defender os indígenas e os negros, podem nos ajudar no discernimento e nos manter fiéis ao Deus da Vida.

## PARA DIALOGAR

- a) quais são as formas de escravidão e morte que assolam nossas comunidades e nossos povos?
- b) quais os disfarces que os ídolos e seus pregadores usam para enganar e semear a escravidão e morte?
- c) que podemos fazer para desmascarar os ídolos e assim permitir que a verdadeira voz de Deus seja ouvida?



## NOTAS

<sup>1</sup> Citado por GUTIERREZ, G., em *Dieu ou l'or dans les Indes occidentales*. 1492-1992, Paris, Cerf, 1992. p. 72.

<sup>2</sup> Id., p. 86. O *Parecer de Yucay* é um informe sobre a situação do Peru escrito provavelmente pelo Dominicano Garcia de Toledo a pedido de seu tio, Francisco de Toledo, então Vice-rei do Peru (Para mais informação ver: *Dieu ou l'or...* p. 41, notas 1 e 2).

<sup>3</sup> Em *Dieu ou l'or...*, p. 91.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>6</sup> No *De l'unique mode...* ele diz: “É desse modo que, do sangue derramado e da escravidão injusta e bominável destes inocentes, eles querem dar a Deus sua parte, como se ele fosse um tirano injusto e iníquo, capaz de aceitar e de aprovar as tiranias em função da parte que lhe é oferecida” (citado por G. GUTIERREZ, *Dieu ou l'or...*, p. 116).

<sup>7</sup> *De l'unique manière...*, citado por G. GUTIERREZ, *Dieu ou l'or...*, p.130).

<sup>8</sup> TORRES MENDOZA, L., *Collección de Documentos inéditos de las antiguas posesiones españolas de América y Oceania*, Madrid, 1867, vol. VIII, p. 399.

<sup>9</sup> *De l'unique manière...*, citado por GUTIERREZ, G., *Dieu ou l'or...*, p. 130.

<sup>10</sup> Citado por GUTIERREZ, G., “*A la recherche des pauvres de Jésus-Christ. Évangélisation et théologie au XVIème siècle*”, in *Jésus et la Libération en Amérique Latine*, (VAN NIEWENHOVE, J., Dir.), Paris, Desclée, 1986, pp. 85-86.

## REFERENCIAS

- Citado por GUTIERREZ, G., em *Dieu ou l'or dans les Indes occidentales*. 1492-1992, Paris, Cerf, 1992. p. 72.

- Id., p. 86. O *Parecer de Yucay* é um informe sobre a situação do Peru escrito provavelmente pelo Dominicano Garcia de Toledo a pedido de seu tio, Francisco de Toledo, então Vice-rei do Peru (Para mais informação ver: *Dieu ou l'or...* p. 41, notas 1 e 2).

- Em *Dieu ou l'or...*, p. 91.

- *Ibid.*, p. 93.

- *Ibid.*, p. 100.

- No *De l'unique mode...* ele diz: “É desse modo que, do sangue derramado e da escravidão injusta e bominável destes inocentes, eles querem dar a Deus sua parte, como se ele fosse um tirano injusto e iníquo, capaz de

- aceitar e de aprovar as tiranias em função da parte que lhe é oferecida” (citado por G. GUTIERREZ, *Dieu ou l’or...*, p. 116.
- *De l’unique manière...*, citado por G. GUTIERREZ, *Dieu ou l’or...*, p.130).
  - TORRES MENDOZA, L., *Collección de Documentos inéditos de las antiguas posesiones españolas de América y Océania*, Madrid, 1867, vol. VIII, p. 399.
  - *De l’unique manière...*, citado por GUTIERREZ, G., *Dieu ou l’or...*, p. 130.
  - Citado por GUTIERREZ, G., “*A la recherche des pauvres de Jésus-Christ. Évangélisation et théologie au XVIème siècle*”, in *Jésus et la Libération en Amérique Latine*, (VAN NIEWENHOVE, J., Dir.), Paris, Desclée, 1986, pp. 85-86.